

**Título:** Livro Curioso  
Estudo introdutório: Ana Macedo.  
Transcrição: Rui Faria.

**Edição:** Arquivo Distrital de Braga / Universidade do Minho,  
Câmara Municipal de Braga  
Coleção: Estudos e Manuscritos

**ISSN 0872-6426**  
**ISBN 978-972-9102-71-4**  
**1.ª Edição**  
**Tiragem:** 1000 ex.  
**2020**

**Catálogo na fonte:**

LIVRO CURIOSO

Livro Curioso / Introd. de Ana Macedo; transcrição de Rui Faria. – Braga: Arquivo Distrital de Braga – Universidade do Minho : Câmara Municipal de Braga, 2020. – 360 p. : il.; 24 cm. – (Estudos e manuscritos, ISSN 0872-6426; 10)  
ISBN 978-972-9102-71-4

**Design gráfico:** Studio Maria João Macedo  
Composto em Arnhem Pro (Fred Smejers)  
e Fakt (Thomas Thiemich)  
Impresso em papel Munken Lynx  
© Universidade do Minho / Arquivo Distrital de Braga

**Depósito legal:**

**Impressão:**

## Estudo Introdutório

O manuscrito designado de *Livro Curioso* transporta-nos, pela pena do seu autor, ao interior da vida e da cultura bracarense no quadro da ilustração racional e do sentimento de liberdade com que o século XVIII marcou o mundo ocidental. São prova disso os memorialistas – e são vários – que nessa altura viveram na cidade e dela registaram pelo seu punho manifestos de uma energia social, política, íntima ou cosmopolita, capazes de nos fazerem hoje sentir protagonistas vivenciais de uma época de intensa força identitária.

Efetivamente a cidade barroca que vem da prelatura de D. Rodrigo de Moura Teles (1704–1728) era já então sede de um amplo senhorio eclesiástico, sem correição régia (Bandeira, 2018), mas é, sem dúvida, no decorrer da segunda metade do século XVIII que o domínio da cidade protagonizada por Arcebispos de sangue real se centraliza e glorifica.

O projeto do escadório do Bom Jesus do Monte, iniciado em 1722 e programado para ser observado a partir da Arcada (Bandeira, 2012), então os grandes *alpendres* urbanos, enquadra bem a cidade centrada no eixo das ruas do Souto/Sousa, onde proliferam inúmeros viandantes, letrados e mercadores, bem como se oferece como palco de múltiplas procissões e festejos públicos, inerentes a uma exuberância onde o sagrado e o profano se entrelaçam. Os Arcebispos D. José de Bragança e seu sobrinho D. Gaspar (meios-irmãos, respetivamente, D. João V e D. José I), portadores de sangue real, são sem dúvida as grandes personagens da exteriorização e mundivisão da cidade, que encontrava no Campo de Touros (atual Praça do Município) o seu principal terreiro de urbanidade e o centro do poder senhorial e cívico.

### Do Índice aos assuntos tratados

Ao longo dos 35 anos (1755–1790) a que este manuscrito<sup>1</sup>, criteriosamente redigido ano a ano, se reporta, somos brindados com o desenrolar das mais variadas notícias e descrições da vida pública da cidade e do mundo, pela mão de um observador atento e participante. A começar deparamo-nos com um extenso e elucidativo *Índice* apresentado ao longo das 43 páginas não numeradas do manuscrito. De seguida e com o título *Notícias primeiras do anno de 1755* apreendemos a memória da terrível experiência do terramoto de 1755 em Lisboa, onde então o ainda muito jovem narrador bracarense se encontrava. Muitas outras se seguem até ao seu termo que só acontece ao fim das 701 páginas numeradas e com a referência a um segundo tomo cuja existência, todavia, até hoje se desconhece. Não temos

1. ADB, *Livro Curioso*, ms 341, aqui transcrito.

dúvida de que a figuração deste Índice, mantendo-se fiel à caligrafia do autor do manuscrito, indicia a intenção em organizar e facilitar ao eventual leitor uma aproximação viva ao seu conteúdo.

Este gosto pela narração de memórias está também patente na configuração de outros manuscritos bracarenses da mesma época elaborados com propósito semelhante. Vejamos, a título de exemplo, alguns testemunhos e seus autores.

O Padre Manuel José da Silva Tadim (?–1791), procurador e advogado em Braga, ficou conhecido pelo seu manuscrito intitulado *Diário Bracarense de 1764*, que elaborou com o propósito de escrever *os factos mais remarcáveis e dignos de menção, não só da Augusta Cidade Primaz das Hespanhas mas também dos que sucederam neste Reino Cortes Estrangeiras da Europa*. O amor da Pátria é a razão advogada para a escrita das memórias, mas é inegável que estamos em pleno século *iluminado* que faz brotar a seiva de uma nova vontade, a de sobrepor a verdade dos factos vividos à incerteza das narrações fabulosas. Estamos, sem dúvida, em época de renovação dos saberes e da abertura de portas a novos livros e à ânsia da busca da verdade, não fosse esse o contexto da fundação, em 1720, da Academia Real de História, por D. João V, uma das mais claras manifestações do Iluminismo em Portugal.

Também o desembargador Inácio José Peixoto (1732–1808), homem de letras e procurador-geral da Mitra, escreve as suas *Memórias* que designa de *Particulares* (Peixoto, 1992), iniciadas na década de 1790, neste caso, com o objetivo expresso de *somente seus filhos saberem, não para comunicar*. Tal não se passaria exatamente assim, já que vários autores que se lhe seguiram (Senna de Freitas, Monsenhor José Augusto Ferreira, entre outros) as utilizaram nos seus escritos. É, no entanto, sob o óculo do seu espírito crítico que o jurista bracarense nos traça o notável relato da ambiência da cidade, o perfil público dos três Arcebispos com quem contemporiza – D. José de Bragança (1741-56), D. Gaspar (1758-89), D. Frei Caetano Brandão (1790–1805), ao longo dos reinados de D. João V, D. José I e D. Maria I – bem como a sua visão do Reino e da Europa num tempo de transformação que anuncia a Revolução Francesa.

E é ainda sob um olhar direto e espontâneo que o fidalgo e cidadão bracarense João Luís Jácome (1735–1810), por sua vez, redige o *Diário e Livro de Razão* (Macedo, 2013), disciplinadamente escrito ao longo de 24 anos e 87 fólios (174 páginas). A par da esfera de expressão dos seus sentimentos íntimos e sociais, a escrita transmite-nos a vivacidade da cidade e a sua envolvimento na dinâmica de mudança então patente no reino e no mundo conhecido. O estatuto de nobre proporciona-lhe o convívio e a privacidade com o núcleo da alta hierarquia social e política bracarense bem

## Estudo introdutório

como o exercício dos cargos de Provedor da Misericórdia, vereador do Senado e almotacé, o que, através da escrita privada do seu diário pessoal, nos permite aceder aos meandros de uma realidade dificilmente captável pelas fontes convencionais.

### Do presumível autor

Contemporâneo dos anteriores, o *Livro Curioso* é um notável livro de memórias que se inicia com um Índice prometedor, como vimos, facilitador do acesso aos muito variados assuntos cuidadosamente manuscritos ao longo dos seus fólhos. No entanto e ao contrário dos anteriores, o autor não se revela deliberadamente. Há, porém, na contracapa da encadernação, a nota assinada por José Machado<sup>2</sup> de que o Livro lhe fora *oferecido por Joaquim Firmino da Cunha Reis*<sup>3</sup>. A partir daí o seu detentor incorre na procura da identificação do autor, com base em elementos colhidos dispersamente no interior do texto (onde refere ser inspetor da reformatação da procissão de quarta-feira de cinzas em 1774, companheiro de mesa do Provedor da Misericórdia em 1775, e juiz da irmandade de S. Vicente em 1790) que cruza com investigação feita nos Livros dos Irmãos da Misericórdia e nos Livros de Ordenações de 1764 e 1792. O fiel depositário, conclui então tratar-se de Miguel Luís de Araújo (1740–1801), jovem tendeiro e depois mercador com loja de capela, morador na Fonte da Cárcova na cidade de Braga, e casado com Maria Teresa de Araújo Pereira, de quem tem pelo menos um filho, Francisco Araújo, referenciado como estudante em Coimbra.

No dia 1 de Novembro de 1755 – a primeira notícia com que inicia o seu livro de memórias – estava a residir em Lisboa, com apenas 15 anos e assistiria a todo o drama: *fui eu testemunha de vista por me achar nessa cidade (...) escapei com vida fugindo das casas onde vivia na Rua dos Odeiros para o largo do Rossio e saindo dela com muita outra gente para o sítio da Senhora da Penha de França aí passei alguns dias e noites sofrendo o frio e fome (...) me resolvi a vir pedindo esmolas pelo caminho (...) voltei para esta cidade com o favor de Deus onde me tenho conservado até ao presente.*

Curiosamente Silva Tadim também alude a esta calamidade nas suas memórias quando se refere à grande cidade de Lisboa *que pouco antes era*

2. Trata-se, com toda a probabilidade, do genealogista bracarense José de Sousa Machado da Maia e Vasconcelos de Abreu e Lima (1860-1934) autor da obra “Últimas gerações de Entre Douro e Minho” (1931-32).
3. Trata-se, sabemos-lo, do representante na oitava geração da família Cunha Reis detentora da ainda atual Casa Grande do Campo das Hortas em Braga, a qual atingiria então o auge da sua riqueza patrimonial, e também, de seguida, o seu declínio (Macedo, 2019).

*o theatro mais florescente, a republica mais luzida, e a corte mais pompoza em breve espaço se vio reduzida a hum montam de pedras*<sup>4</sup>, mostrando ainda a sua sensibilidade pelo património e a admiração pela Antiguidade, quando afirma que *de tudo o mais raro que se perdeu foi a grande livraria de S. Magestade rara pelos manuscritos e originais da Antiguidade que conservava*<sup>5</sup>.

Com toda a probabilidade, não só a sua vivência marcante em Lisboa como, mais tarde, o casamento com Maria Teresa de Araújo Pereira – filha de membros da baixa nobreza da cidade de Braga e com fortuna do Brasil – terão contribuído para que o jovem mercador Miguel Luís de Araújo se envolvesse numa rede de informações e contactos, que, aliada ao seu gosto pela escrita e pela cidade, certamente, lhe permitiriam registar as preciosas memórias que constituem o *Livro Curioso*, sem manifestação de propósito algum em se autoapresentar. Ainda assim verificaremos ao longo deste estudo algumas peculiaridades ligadas à sua identidade.

### Dos assuntos cruzados entre os memorialistas

Conterrâneos e coevos é natural que os quatro memorialistas referidos, ainda que de diferentes estatutos sociais – clérigo, jurista, fidalgo e mercador – se cruzassem nas suas incursões entre a vida pública e privada.

Exemplo disso é a referência, nos três manuscritos, a um assunto que, em abril de 1789, causou notabilidade na cidade de Braga: a prisão, por ordem superior da rainha e executada pelo desembargador Mendanha, então em Braga, de Francisco Jácome, filho primogénito de João Luís Jácome, um dos memorialistas acima referidos, e que retrata o facto com suposta neutralidade: *foi meu filho prezo na caza da opera detrás do Colegio desta cidade de Braga (...) o prenderão e o levarão ao Castello (...) e nelle esteve athe o remeter para as cadeias do Limoeiro da cidade de Lisboa*<sup>6</sup>. Tal acontecimento terá tido grande repercussão na vida social e política da cidade, dado tratar-se de uma questão de enlace matrimonial que afrontava o poder entre duas famílias poderosas da cidade. O carácter marcante deste jovem nobre terá levado o desembargador Inácio José Peixoto a afirmar nas suas Memórias que *é um dos homens mais célebres desta era*<sup>7</sup>. Também no *Livro Curioso* a mesma personalidade é referida pelo facto de, com apenas 25 anos, conseguir ocupar o lugar de vereador através de um decreto específico da rainha por *não ter ainda idade para isso*<sup>8</sup>.

4. Thadim, Manoel Joze da Silva, *ob. cit.* [fol. 379]

5. *Ibidem* [fol. 169].

6. *Memórias e diário íntimo de um fidalgo bracarense* [fol. 41]

7. Peixoto, I. J. (1992) *ob. cit.* [fol. 47]

8. *Livro Curioso* [fol. 433]

## Estudo introdutório

Outro exemplo será a menção à solicitação dos serviços de Inácio José Peixoto por João Luís Jácome, para as suas tarefas de gestão jurídica dos bens familiares, ou ainda a alusão ao mesmo no *Livro Curioso* como um dos juízes no julgamento das dezenas de réus presos por furtos nas igrejas e sacrários da cidade, em fevereiro do ano de 1783, reconhecido pelo próprio como o maior caso do governo de D. Gaspar. Também aqui o desembargador é elogiado pelo seu importante contributo na celebração das festas do Santíssimo Sacramento, no novo templo de Soutelo<sup>9</sup>.

### A festa

Independentemente dos aspetos transversais, não temos dúvida de que o panorama comum a todas estas Memórias é a cidade barroca com todo o seu manancial de festas e representações exuberantes, onde o religioso e o profano se misturam bem e onde não faltam as multidões atraídas pela magnificência que sobretudo D. Gaspar de Bragança, no seu longo governo, bem soube implementar. Como ressalta Milheiro no seu estudo da festa barroca em Braga, *sem o povo a Festa perderia em grande parte a sua função de distração, atração, exibição, ostentação* (Milheiro, 2003: 70).

Um exemplo bem ilustrado neste *Livro* é a celebração das Festas do Jubileu no Santuário do Bom Jesus do Monte em Setembro de 1779. Anunciadas com um mastro levantado no Campo de Santa Ana e iniciadas na Sé com um Tríduo, o ponto alto culminaria na majestosa procissão composta de múltiplas figurações e carros alegóricos, cujo objetivo principal era proporcionar aos habitantes da terra *meditem os sagrados mistérios da Paixão do Redentor e consigam a misericórdia da Indulgência*<sup>10</sup>.

Em 1782, de forma bastante semelhante na pompa, mas com menor sucesso no êxito, são aqui descritas as festas de colocação do Santíssimo Sacramento na capela-mor do novo templo da paróquia de Soutelo, a partir de um trecho da escritura a ele dedicado. Curiosamente, embora o memorialista descreva todo o fausto e divertimento e a comparência de imensa gente de fora, à semelhança das festas anteriores, confessa não poder escrever toda a realidade e desventuras, *por ser amigo de alguns cuja obrigação me fez suspender a pena*<sup>11</sup>. A bem ver, tal abona a favor da probidade destes relatos, pois, sem revelar os nomes, o autor não esconde que nem sempre tudo corre bem: *abalou a maior parte da gente de fora (...) e pelos dias adiante se foram ausentando dizendo mal das festas e de quem as inventou levando tão somente as bolsas bem crestadas porque logo neste ano tudo estava caro desplicando-se com sonetos, comédias*

9. *Ibidem* [fol. 437]

10. *Ibidem* [fol. 349]

11. *Ibidem* [fol. 440]

*e outras obras que mandaram a esta cidade descompondo os autores das festas (...).*

A importância da festa barroca está bem manifesta nestes apontamentos onde a descrição detalhada da exuberância dos préstitos e das expressões públicas colocam o redator no papel circunstante de um verdadeiro espectador. O mesmo se passa também perante outros grandes acontecimentos públicos, para além das festas, onde o relator procura sempre ser exaustivo e minucioso: os casamentos reais, o nascimento dos príncipes, os cerimoniais dos enterros, os cataclismos naturais, as pequenas e variadas curiosidades e, muito especialmente, as guerras em que o país se envolve nesta altura com os castelhanos, a que mais à frente nos dedicaremos.

A descrição minuciosamente feita da grande festa do Jubileu é, antes de mais, a expressão da importância da cidade a nível nacional e internacional, uma vez que é concebida no âmbito das relações com o Papado (então Pio VI). A ela acorria a multidão da cidade de Braga e outras cidades do norte, que o autor especifica como sendo o Porto, Guimarães, Barcelos, Arcos, Vila Real e Chaves. Cremos que não é casual a importância especial dada na Procissão do Paço aos Santos Mártires de Braga por forma a acentuar a antiguidade e o peso da Igreja bracarense onde o Arcebispo (D. Gaspar), antes de tudo, vem a ser um príncipe. É também destacada a representação de S. João Marcos, santo contemporâneo de Cristo, o qual, na sua relação com a saúde, é associado aos milagres ocorridos na Igreja do Hospital, *a que assistia um sem número de pessoas que acudiam a ver estes prodígios*<sup>12</sup>. Na verdade, sabemos que ainda hoje subsiste, no mesmo local, a ligação do Santo aos milagres no campo da saúde. É indubitável que a obtenção de graças, a remissão dos pecados, as indulgências e as amnistias diversas, então concedidas, tivessem uma importância fulcral no afluxo de multidões.

Será assim que, no então famoso préstito do Jubileu do Bom Jesus – encabeçado pela figura do Jubileu ricamente engalanada, quatro cavaleiros representando as quatro nações *tomadas pela voz do Evangelho* e dez carros alegóricos com quadros bíblicos, indumentárias e símbolos barrocos – há uma dimensão catequética que pretende chegar a toda uma população basicamente iletrada. Os troféus e estandartes com citações em latim a legendar cada um dos quadros é demonstração disso mesmo. É também visível uma dimensão teatral em cada personagem figurante, quer na forma como vão caracterizados e vestidos, quer na simbologia barroca que ostentam, tais como as plumas ou os símbolos cosmológicos,

12. *Ibidem* [fol. 344]

## Estudo introdutório

como o Sol e a Lua, o dia e a noite, os montes, os continentes, os oceanos, a terra, o arco-íris. São claras as referências às Sagradas Escrituras sejam o Génesis, os Salmos, os Santos, os Anjos, o dilúvio, a cidade de Jericó, ou as figurações negativas, como o sofrimento da vida, os doentes, os leprosos, o cego, a morte, a meretriz, o diabo.

No primeiro carro alegórico esta dupla dimensão do bem e do mal é simbolizada pela representação amena do Jardim do Paraíso, com uma *grande e formosa árvore* e, por outro lado, a figura da Morte, com *unhas grandes nas mãos e na boca dentes agudos...* O décimo e último, porém, representa já a *Igreja triunfante pelo mistério da redenção*, com a imagem de um trono elevado sobre nuvens, onde vão *24 venerandos velhos vestidos de branco e todos com coroas de ouro na cabeça, oito com instrumentos de música que irão tocando, oito cantando, prostrando todas as suas coroas diante do trono...*<sup>13</sup>.

Em todo o cortejo exibe-se o luxo, o ouro e o metal reluzente, expõe-se a dimensão das alegorias bíblicas, mas também se manifesta a representação das rainhas e dos príncipes pelas dimensões da *Sabedoria*, da *Providência*, da *Clemência*, da *Verdade* e, no seio destas, ainda a figura do *Temor de Deus* seguido da *Inocência*, exprimindo-se desta forma a ascendência e a deificação dos monarcas. No seio de anjos não falta também o retrato de D. Gaspar de Bragança, cercado de flores, bem como o dos Papas Clemente XIV e Pio VI, respetivamente, os pontífices que concederam e ampliaram o jubileu. No mesmo carro figuram a representação de *Braga, Cidade Primaz das Hespanhas* e do reino de Portugal, com a alegoria do Rei D. Afonso Henriques.

A par do uso das cores no simbólico das figuras – o branco na inocência, na castidade ou na fé, mas também o vermelho, o dourado, o roxo, com significados mais direcionados – ressalta ainda nestes cortejos o efeito resplandecente dos escudos, dos elmos, das espadas, dos arreios, das trombetas, tudo o que envolve e deslumbra o povo que assiste dando-se uma componente marcial ao conjunto. Outros elementos havia que integravam e compunham estas celebrações, como os touros bravos, o baile de turcos, as cavalhadas, o fogo e outros divertimentos para os quais se montavam palanques com camarotes no Campo de Touros.

Dada a fama que ganharam, a afluência de gente era por vezes de tal sorte que, como ocorreu nas festas de Soutelo, *se alugaram casas por preços excessivos, não houve casa que não tivesse hóspedes, nem estalagem que pudesse recolher gente*<sup>14</sup>. Podemos depreender que o défice da oferta hoteleira parece não ser assim apanágio só da atualidade...

13. *Ibidem* [fol. 371]

14. *Ibidem* [fol. 438]

### **As pequenas-grandes curiosidades**

A par dos grandes acontecimentos que ocupam a parte substancial destas notáveis Memórias, as pequenas eventualidades têm também aqui lugar, não constituíssem estas, muitas vezes, o sal da vida coletiva. Anotemos algumas delas:

A 26 de Setembro de 1775, conta-nos o memorialista, *pariu uma mulher solteira desta cidade dois meninos sem tempo... pegados um ao outro pela ilharga, cada um com a sua cabeça, e com dois braços e duas pernas cada um, os quais apareceram já mortos na igreja da misericórdia donde concorreu inumerável povo a ver esta maravilha, nos quais abriram e embalsamaram. E depois de metidos numa redoma de vidro, foram assim mostrados ao prelado... que todos admiraram a extravagância da natureza. E não só nesta cidade se viu, mas também foi a diversas partes do reino, até Lisboa...*

Não menos interessante e agora a propósito dos milagres de S. João Marcos, a observação, em Julho de 1779, de uma mulher que, sem poder andar, *apegando-se com o Santo a levaram à sua capela de noite dentro de um cesto e metendo-a no caixão do Santo saiu dele sem queixa de forma que foi a pé para a sua casa com a notícia deste estupendo milagre...*

Ou ainda a descoberta, em julho de 1783, de uma mulher casada da freguesia de Rates a qual *servia de moço e andava vestida de homem...* até que se descobriu o engano e foi levada para a sua terra donde tinha fugido ao marido.

As notícias de grandes intempéries e outras calamidades naturais não deixam de ter também um lugar de destaque. Para além do já relevado grande terramoto de Lisboa de 1755 com que se inicia o manuscrito, há referência a outros, dentro e fora do país, mas a descrição pormenorizada da forte e repentina trovoada com *pedraça graúda* que, ao longo de três horas, em Junho de 1779 assolou a cidade de Braga, daria um filme de terror...! Árvores, pedras, telhas, tábuas, restos de pipas de vinho, arrastadas pelas enxurradas que varriam o rio Este testemunhavam a destruição de todas as casas de moinhos e lagares que corriam pela margem do rio e a que não seriam ainda poupadas as Pontes de Guimarães e dos Pelames deitadas por terra. O afogamento de 23 pessoas ao lado de muitas bestas, porcos e bois e o desaparecimento de campos e sementeiras, completavam o quadro mórbido da meteórica desgraça.

### **Os reais acontecimentos**

Os registos relativos às grandes personalidades ocupam, naturalmente, um lugar de relevo onde também a descrição dos pormenores não se faz rogada.

## Estudo introdutório

É o caso da aclamação da rainha D. Maria I, a 13 de Maio de 1777, com seu marido D. Pedro III. A descrição do pomposo cortejo com cavalaria pela cidade de Lisboa, a cerimónia do juramento da rainha, os pormenores das indumentárias, a vivacidade do imenso povo na Praça do Comércio, todo o acompanhamento do Paço à Igreja, o desfile não só dos grandes da Corte mas também dos embaixadores e ministros estrangeiros, têm o dom de nos oferecer um excecional retrato da sociedade de Antigo Regime. São de tal forma realistas e vivas as descrições, que dificilmente aceitamos que o seu autor pudesse estar noutra local senão ali mesmo na presença do que narra.

Entre outros grandes acontecimentos destacamos também o falecimento do rei D. José I ocorrido poucos meses antes, a 24 de fevereiro de 1777, em Lisboa, mas só conhecido em Braga oito dias depois. Este período representava o tempo então necessário para a deslocação de um postilhão de Lisboa a Braga com a desventurada notícia para o Arcebispo D. Gaspar, meio-irmão do falecido rei. Curiosamente, decorriam então ainda em Braga as alegres festas celebradas em honra do casamento do príncipe D. José, filho mais velho da rainha D. Maria I, com D. Maria Francisca Benedita, sua tia materna, ocorrido em Lisboa a 21, três dias antes da morte do rei, avô materno e pai dos respetivos nubentes.

O cerimonial fúnebre na cidade dos Arcebispos não terá ficado muito aquém do exarado em Lisboa se atentarmos nas notícias que, a partir do que designa de *vários correios*, o memorialista nos faz chegar. De facto, apesar de atardado, o cerimonial na cidade de Sua Alteza D. Gaspar, meio-irmão do rei, não desfaz a imponência que granjeia. As badaladas compassadas dos sinos durante vários dias, o fecho das audiências, o luto geral obrigatório por toda a cidade ao longo de meses, são apenas alguns dos aspetos formais. É, porém, na descrição minuciosa do teatro cerimonial das exéquias que assistimos à representação da cidade barroca no seu âmagô, no quadro de uma Sé toda revestida de preto e onde, do alto da nave central, se eleva um sumptuoso túmulo, dito *mausoléu*, revestido de veludo preto e ouro com o retrato do monarca.

Naturalmente que a doença e a morte do Arcebispo D. Gaspar, em janeiro de 1789, bem como o seu testamento, ocupam um lugar de destacado relevo, só se dando por terminada a celebração das exéquias dois meses depois. A descrição do cerimonial do embalsamamento do corpo, a procissão dos coches que do Paço conduziam o luxuoso caixão coberto de veludo preto à sepultura na capela-mor da Sé, é de tal forma minuciosa e densa que só poderia ser feita por quem tudo presenciasse, observando até aos mínimos detalhes.

### Das ilustrações e seu significado

Ao longo do denso e extenso texto, composto por mais de 700 páginas manuscritas, surgem três ilustrações, também elas manuscritas e executadas com a mesma tinta da escrita deixando clara a sua atribuição ao mesmo autor. Apesar da sua expressão residual, são de uma importância simbólica crucial para o entendimento e a contextualização do todo. Não se tratando propriamente de desenhos técnicos ou eruditos, são, todavia, detalhadamente legendadas.

A primeira imagem, apresentada entre os folios com a numeração 108 e 109, corresponde ao levantamento de um teatro de guerra, indicativo das posições militares confrontantes, relacionadas com as principais referências geográficas (rios, localidades e topografia militar). Trata-se da situação decorrente da invasão franco-espanhola a Portugal, perpetrada no ano de 1762, por força da entrada do reino de Portugal no período final da Guerra dos Sete Anos (1756/63), naquela que para nós ficou conhecida por “guerra fantástica”. Decorre no momento áureo do comando do Conde de Lippe (1724/77), assinalado na imagem, quando este esteve à frente do Exército Português, por via dos ingleses, nossos aliados, também eles participantes na força de oposição aos invasores.

Consciente da inferioridade numérica e organizacional das forças que comandava, Lippe terá optado por um modelo flexível de posicionamento defensivo, de que a imagem em análise nos dá eco. Estabelecido onde hoje é Constância, na desembocadura do rio Zêzere com o Tejo, o Alto Comando do dispositivo defensivo com que procurou conter o eixo de penetração das forças franco-espanholas na margem esquerda do rio, impedia assim que estas transpusessem a margem, como se temia, e progredissem facilmente pelo Alentejo. Aí instalado, evitando o confronto direto, tirando partido da ingratidão da topografia e da impraticabilidade dos caminhos, com um corpo de exército que não excederia os 15 mil homens, Lippe estancou a invasão de um exército que começara por ter cerca de 42 mil homens, repelindo da região de Abrantes as forças avançadas do inimigo (Monteiro, 2004:338). Trata-se, admissivelmente, do “retrato” do momento crucial do desenvolvimento da guerra que antecedeu a retirada das forças franco-espanholas.

Apesar do autor lhe chamar “Mapa” e de já na época ser possível levantar com a maior minúcia e rigor geométrico um teatro de guerra, a imagem não constitui um produto cartográfico, mas tão só o esboço, mais simbólico do que localizador, dos principais assentamentos iconográficos, ainda que geograficamente desconexos pelo posicionamento entre si. Note-se a semiologia da expressão gráfica militar, a disposição das forças litigantes pela distinção das unidades de um regimento, das armas de

## Estudo introdutório

infantaria, cavalaria e artilharia, respetivamente, assinaladas por pequenos círculos, quadrados, e os ícones de canhões alinhados (separados em *baterias*, identificando o número de peças e, num caso, o seu calibre). As quantidades revelam a sua grandeza e o ordenamento tático no terreno. Junto a elas vão as designações dos seus comandantes ou, no caso do inimigo, a natureza das armas.

No final releve-se a chancela informativa do rodapé da imagem que chama a atenção para a legenda do “Mapa”, nas costas do desenho, com o objetivo de explicar “por números para curiosos poderem perceber”. O remate é feito com um anagrama que contém três siglas maiúsculas, que nos parecem ser M, L e A sobrepostos (possivelmente Miguel Luís Araújo, o autor), dotado também pelo que podemos inferir, de uma grande sensibilidade militar.

As duas imagens seguintes (folios 466 e 467) que ilustram o texto deste “Livro Curioso” estão seguidas e dizem respeito ao mesmo tema – O Cerco de Gibraltar (1779/83). Estas traduzem, em nosso entender, o alcance de divulgação das novidades tão comuns à ilustração da época. Como na própria abertura do “Livro Curioso”, que começa com o relevar do terramoto de Lisboa de 1755, também aqui se denota essa predisposição mental para acolher as grandes novas, que constituem, por assim dizer, o alcance das possibilidades humanas nunca antes vistas. Se já nas campanhas do Conde de Lippe as imagens traduziam a supremacia do engenho das artes e técnicas de guerra sobre a força bruta da quantidade, o mesmo se pode aplicar agora sobre o cerco de Gibraltar. Aqui também, de certo modo, se consubstancia a guerra elevada à sua máxima potência na inovação na tecnologia militar, da arte e engenho do combate, como um grandioso espetáculo onde o mundo se converte no palco do grande drama da natureza humana, da sua resistência e capacidades.

Ao analisar as imagens dos *Mapas da Praça de Gibraltar e das barcas artilheiras mandadas fazer por Carlos 3º Rei de Espanha para o ataque da mesma Praça em o ano de 1782*, deparamo-nos mais com uma ilustração de um meio de comunicação geral – aliás o próprio autor o refere ao afirmar que *são palavras tiradas da gazeta* – do que propriamente com instrumentos gráficos de operação militar.

Começando pela vista geral de Gibraltar, ressalta logo a possibilidade de esta ter sido copiada ou, no mínimo, referenciada a algum dos múltiplos espécimes ilustrativos pré-existentes que então circulavam pela Europa. Isto é, o enquadramento da representação do Grande Cerco de Gibraltar – tendo por primeiro plano o golfo de Algeciras com o rochedo ao centro e exibindo no canto inferior esquerdo o acampamento hispano-francês dos sitiados e, no superior direito, a ponta de Ceuta, em África – parece ser

## Livro Curioso

muito semelhante a outros conhecidos com o mesmo fim.

O referido cerco durou mais de três anos e meio e constituiu-se como um dos mais duradouros da história da guerra moderna, tendo-se integrado no conflito global entre franceses e ingleses, o qual teve por pano de fundo os lances capitais da guerra da independência dos Estados Unidos da América (1775/83). Aí se experimentaram algumas das mais inovadoras técnicas de guerra naval, de que é exemplo a imagem, que representa um “galeão”, “baterias flutuantes” e “barcas artilheiras” pertencentes a uma linha de embarcações com os cascos reforçados em jeito de blindagem, providos de inúmeras peças de artilharia (ex. na legenda: C 36 *canhões de 36*) e sistemas de defesa face à ameaça da artilharia oposta.

O contexto de ensaio de novas táticas militares, que teve por protagonistas os melhores generais e até pelo carácter de cerco, tornou-se como que o *plateau* de um espetáculo grandioso, que trouxe inclusive muitos ilustres observadores, entre eles, as figuras reais dos irmãos do rei de França e da Espanha. O nosso cronista dá eco do grande assalto na manhã do dia 13 de setembro de 1782, quando cerca de 5 mil homens hispano-franceses, apoiados por 80 embarcações tentando conquistar a península, foram vigorosamente rechaçados pelos sitiados britânicos, demonstrando a inexpugnabilidade de Gibraltar, que ainda hoje se conserva como território ultramarino do Reino Unido.

\*\*\*

Mais do que memórias curiosas, de quem tem por entendimento o valor do conhecimento, a vontade de observar o mundo que o rodeia e de o compreender melhor, o *Livro Curioso*, para além do seu registo intrínseco, defronta-nos também com um ego que exprime a sua própria época.

Um ego que, ainda que podendo querer esconder no anonimato a insegurança ou o receio do que vai acumulando, não deixa de exercitar uma prática comum a outros memorialistas do seu tempo, no modo como escolhe os seus motivos mas também como os projeta na ideia de um mundo crente no despoletar de um período que se anuncia novo.

O deslumbre pela novidade, pelo alcance de *possibilidades humanas nunca antes vistas*, pelo ensaio de novas técnicas e táticas militares e pelo seu entendimento, o entusiasmo pelo detalhe numa descrição vivencial muito forte, tudo converge para a afirmação de um espaço de liberdade que muito nos ajuda a conhecer e compreender Braga da segunda metade de setecentos no seu contexto nacional e internacional. Estamos em época barroca mas também de mudança, anunciada pelos ideais iluministas e veiculada pela ação das revoluções liberais que se anunciavam.

## Estudo introdutório

### Bibliografia citada

Bandeira, Miguel (2018). Desde a cidade de Braga, pela expressão urbana ao tempo do Arcebispo D. Rodrigo da Moura Teles. *Atas do Congresso* (no prelo).

Bandeira, Miguel (2012). O desenho e a morfologia urbana na cidade de Braga do Barroco. *O Barroco em Portugal e no Brasil* (pp.543-559). ISMAI e CEDTUR (ed.)

Macedo, A. M. (2019). Arquivos de família e escritos autobiográficos: estudos de caso (tese de doutoramento). Universidade do Minho, Braga. <http://hdl.handle.net/1822/60646>

Macedo, A. M. (2013). Memórias e Diário íntimo de um fidalgo bracarense 1787–1810). Braga: ADB/UM. (ACA, 088)

Milheiro, M. M. C. (2003). Braga. A Cidade e a Festa no século XVIII. Guimarães: NEPS/UM.

Monteiro, N.G. (2004). De novo, a Europa. A crise de 1735. *Nova História Militar de Portugal*, vol. 2 Círculo de Leitores (pp.330-350).

Peixoto, I. J. (1992) Memórias Particulares de Inácio José Peixoto: Braga e Portugal na Europa do século XVIII. Braga: ADB / U.M. (ADB, ms 888)

Thadim, Manoel Joze da Silva (1764). Diário Bracarense das Epocas, Fastos e Annaes mais Remarcaveis e Successos dignos de Mençam que Sucederam em Braga, Lisboa e mais partes de Portugal e Cortes da Europa. (ADB, ms 1054)